

Texto 1

0.1 Nasce um escritor

O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe inspirou, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados, o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada. Prisioneiro no internato, eu vivia da saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema da minha descrição.

Padre Cabral levava os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, os campeões de matemática e de religião, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro “As viagens de Gulliver”, depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver me revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, a minha primeira prisão.

Jorge Amado. “O menino Grapiúna”. Rio de Janeiro: Record, 1987. p.117-120.

*Ela não **regateou** elogios ao trabalho da equipe (significa que elogiou muito, não poupou elogios)

 PORTUGUÊS**Questões de 1 a 10****QUESTÃO 01**

Segundo o texto 1, de que forma a atitude do padre Cabral contribuiu para a formação do narrador como leitor e futuro escritor?

QUESTÃO 02

Com base no texto, explique por que, mesmo após o reconhecimento de seu talento literário, o narrador afirma que continuou a se sentir “prisioneiro”.

QUESTÃO 03

Explique por que o mar de Ilhéus foi escolhido pelo narrador como tema de sua descrição, em contraste com os temas escolhidos pelos colegas.

QUESTÃO 04

Identifique o tipo de predicado do enunciado apresentado abaixo:

“O mar de Ilhéus foi o tema da minha descrição”.

QUESTÃO 05

Destaque o predicado da frase e classifique-o apontando seu(s) núcleo(s): “Não regateou elogios”.

Texto 2



QUESTÃO 06

No trecho: “O futuro da humanidade não somos nós?”, quantas orações há nesse período?

QUESTÃO 07

Classifique sintaticamente a oração coordenada do primeiro quadrinho, a partir do valor semântico expresso pela conjunção **e**:

“Estou cheia desses livros com lobos **e** ogros que comem crianças!”

QUESTÃO 08

Classifique sintaticamente a oração destacada do 1º balão:

“É fundamental **que o chargista informe-se para fazer o seu trabalho.**”

QUESTÃO 09

No segundo quadrinho, em “Lemos as notícias e escolhemos um assunto polêmico”. Há um período composto por coordenação ou por subordinação? Justifique sua resposta.



QUESTÃO 10

Identifique o vício de linguagem presente no texto do cartaz e explique por que ele ocorre.
